

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ana Isabel Melo dos Santos

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E PRÁTICAS DE SALA DE AULA

Porto Alegre
1º Semestre
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ana Isabel Melo dos Santos

A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E PRÁTICAS DE SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Prof^a. Dr^a Elizabeth D. Krahe

Porto Alegre
1º Semestre
2014

AGRADECIMENTOS...

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela força e a coragem ao enfrentar todos os desafios ao longo desse caminho.

À minha família, pela compreensão incondicional pelos meus longos momentos de ausência física, por respeitarem estes momentos somente... não há palavras suficientes para dizer o quanto sou grata. E em especial ao meu filho Marco que muitas noites ficou ao meu lado, ajudando-me nos momentos difíceis.

Aos meus pais, que mesmo sendo humildes, pagaram os meus estudos até o Ensino Médio, e me ensinaram que o estudo era a única riqueza que deveria sempre buscar.

À minha orientadora, professora Elizabeth D. Krahe, minha orientadora de três anos do Iniciação Científica, por aceitar me orientar em mais esta etapa. Por todas as aprendizagens que me proporcionou durante o tempo que compartilhamos juntas, contribuindo para a minha formação docente.

À professora Adriana Thoma, por ter me oportunizado a Monitoria Acadêmica, em Educação Especial e Inclusão, as aprendizagens e as experiências compartilhadas neste espaço.

À Escola de estágio, por ter aberto as portas para que eu ali realizasse minha prática, bem como minha pesquisa de estudo. Aos professores titulares Tanise, Rafael, alunos, supervisores, diretores, por tornarem possível este trabalho. Em especial a professora, que abriu as portas de sua sala de aula, para que pudesse construir o corpo empírico desta pesquisa.

À minha orientadora de estágio, professora Maria Luisa Xavier, por ter sempre me proporcionado novas aprendizagens, a partir de seus conhecimentos.

Às minhas colegas, principalmente a Fernanda e Carla. Ao colega Dorvalino, que se integrou posteriormente ao grupo. Por termos construído laços afetivos, nos inúmeros trabalhos em grupos, reflexões e diálogos que se fizeram presentes na nossa caminhada. Pelos momentos de apoio de cada um, enquanto trilhava o caminho de formação.

"Em educação, quem só tem certezas corre o risco de andar sempre enganado. Vivemos um tempo de dúvidas e, muitas vezes, não sabemos o que fazer nem como agir. Mas temos uma solução ao nosso alcance: partilhar as nossas dúvidas, entrar em diálogo com os outros, procurar em conjunto uma saída para os nossos dilemas. Pensar".
(António Nóvoa)

RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar como a formação do pedagogo está se refletindo nas práticas de sala de aula, baseado no campo dos Estudos de Formação de Professores, desenvolvido na Faculdade de Educação/UFRGS. O estudo fundamenta-se em: Nóvoa (formação de professores), Tardif (saberes docentes), Hernández (práticas escolares) e Sacristán (métodos de trabalho). Participou do estudo uma turma de 2º ano das séries iniciais, de uma escola federal de Porto Alegre/RS. Para a construção dos dados utilizou-se de registros de diário de campo; entrevista semiestruturada, análise documental, além de reflexões da minha jornada enquanto docente em formação. As análises identificaram como as práticas pedagógicas se refletem no cotidiano dos espaços escolares; estão organizadas em três blocos: o cotidiano da sala de aula; a relação professor-aluno e reflexões das minhas aprendizagens. Nas considerações finais, a questão de pesquisa é retomada e destaca-se a importância de um olhar sensível, nos adequando para atender às diferentes demandas que nos esperam, buscando sempre a formação continuada e nosso crescimento como profissionais, lembrando que o professor nunca está pronto, deve sempre aprender mais.

Palavras chaves: Formação de professores. Saberes Docentes. Práticas escolares.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	06
2.CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	08
2.1. O contexto da pesquisa	08
2.2.Os sujeitos envolvidos	09
2.3. A construção do Projeto de Pesquisa	09
3.DELINEAMENTO TEÓRICO METODOLÓGICO.....	11
3.1. A escolha da metodologia	11
3.2.A escolha do aporte teórico	12
4.BLOCO ANALÍTICO.....	15
4.1 Analisando o cotidiano da sala de aula- Parte I	15
4.2 Entrevista com a professora A- Parte II	18
4.3 Em frente ao espelho- minha caminhada de formação-Parte III	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE.....	43
ANEXOS.....	46

1. INTRODUÇÃO

A escrita do presente trabalho ocorreu ao longo da oitava etapa do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O tema A formação do pedagogo e práticas na sala de aula, foi escolhido como uma reflexão das práticas vivenciadas por mim durante o estágio obrigatório do 7º semestre do curso¹, bem como as observações feitas neste espaço escolar, mais especificamente envolvendo questões de docência e suas relações na construção de conhecimento com os alunos, numa classe com aprendizes de diferentes realidades, inseridos no mesmo contexto escolar.

Partindo do pressuposto que hoje como profissionais devemos estar preparados para atender as diferentes demandas da sala de aula, a minha questão norteadora do meu estudo questiona: De que forma a formação docente em curso de Pedagogia na Faced/UFRGS consegue refletir sobre as práticas de sala de aula?

Meu trabalho tem como objetivos principais: 1) Refletir sobre a importância da formação do docente, para atender as diferentes demandas da sala de aula; 2) Analisar como de fato está ocorrendo a formação docente, dentro da perspectiva do conteúdo teórico sobre formação docente trabalhado na UFRGS e como refletir sobre as mesmas na prática da sala de aula.

Esta escrita também é um recorte da minha participação como Bolsista de iniciação Científica em Grupo de pesquisa que trabalha com Licenciaturas, tendo como objeto as experiências vividas como professora estagiária em escola pública de educação básica.

Assim durante a minha escrita tais questões são apresentadas e problematizadas. No capítulo 1, a introdução, apresento meu trabalho, a pergunta norteadora da pesquisa, bem como os objetivos principais do meu mesmo..

No capítulo 2, “Caminhos investigativos”, faço a descrição do contexto, dos sujeitos envolvidos, o critério de escolha dos mesmos, bem como a construção do projeto de pesquisa.

Em seguida, no capítulo 3 “Delineamento Teórico- Metodológico”, escrevo sobre a metodologia de pesquisa aplicada, bem como o referencial teórico no qual está ancorado o trabalho.

Já no capítulo seguinte “Bloco analítico”, rememoro as minhas vivências, fazendo análises do meu próprio fazer/ ser docente. Neste capítulo também

¹ O estágio obrigatório, do 7º semestre, foi realizado em uma escola pública federal, com alunos das séries iniciais, um 5º ano .

estão contidas as observações que foram feitas em sala de aula, em escola fundamental pública com consentimento livre e esclarecido da professora², bem como de sua atuação em diversos momentos, frente às diferentes demandas que envolvem o trabalho docente.

Nas considerações finais, faço uma breve descrição das minhas análises, bem como as respostas que encontrei no caminho, lembrando que esta escrita tinha por objetivo principal nos levar a refletir sobre as práticas de sala de aula, nos levando a perceber que é necessário sempre analisar e repensar sobre os acontecimentos do cotidiano, analisando os mesmos sobre outro olhar, tornando sempre o nosso aluno feliz à sua maneira e desenvolvendo suas potencialidades de forma plena. Este é nosso maior papel, enquanto docentes e como seres humanos, formadores do nosso educando.

² O termo encontra-se nos anexos deste trabalho

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

2.1 O contexto da pesquisa

O contexto de pesquisa do trabalho, escola pública de Educação Básica, foi escolhido por ser onde as experiências do ser / fazer docente minhas aconteceram de forma concreta.

A escola pública Federal X acolheu-me para minha vivência de estágio docente do 7º semestre do curso. É uma escola peculiar, pois o critério para matrícula é diferenciado das demais escolas que existem ao seu entorno.

Para se matricular neste estabelecimento de ensino, os alunos passam por processo de sorteio. Qualquer aluno, com idade escolar pode se candidatar ao mesmo. Não importa o seu endereço. Lembro que a norma da grande maioria das escolas geralmente atende alunos no seu entorno, que moram nas proximidades das mesmas, como o critério acima este fato não acontece na escola observada.

Cada turma é composta de 23 a 24 alunos no máximo, como apontados anteriormente. Por ser o sorteio o critério de admissão, existem alunos que vem de diversas localidades, algumas próximas a escola, mas a grande maioria vem de locais distantes, chegando a mesma através de diferentes meios de transporte: carro, ônibus, transporte escolar.

Por este motivo, existem dentro do mesmo ambiente escolar diferentes realidades sociais, culturais e étnicas inseridas no mesmo espaço, de forma mais acentuada do que nas outras escolas que conheço. São alunos que não tiveram outro convívio com seus colegas antes de chegar a este espaço, se conheceram ali e neste contexto terão seus laços estreitados.

Não são somente as dificuldades de aprendizagem que cada aluno traz que o profissional docente terá que atender e se possível resolver. São questões que vão além da prática curricular, como trabalhar as diferenças de forma mais acentuada, onde o educando deverá aprender a respeitar e aceitar as diferenças de cada colega, buscando todos juntos a troca de conhecimentos que originará novos saberes, tanto dos alunos, como dos docentes envolvidos neste processo.

Devemos, como profissionais, lembrar que estamos em tempos de desafios, não existem turmas homogêneas com alunos todos no mesmo nível de habilidades e conhecimentos, e que nossas práticas precisam ser repensadas, ressignificadas, tal como estudado em Dorneles (2010):

[...] as mudanças trazem sempre novos desafios, inseguranças e incertezas tal como ocorre a ideia de

uma escola para todos. Perseguimos durante centenas de anos um ideal de homogeneidade que não encontramos e que, nas poucas vezes que vislumbramos, mostrou-se empobrecido. A diversidade como elemento essencial na história humana tem-se mostrado produtiva e enriquecedora da prática cotidiana. Precisamos aceitar tal diversidade com estudo, reflexão e construção de alternativas pedagógicas que nos façam desenvolver cotidianamente a tolerância como um valor, reciclando-nos no dia-a-dia. (DORNELES, 2010, p. 15).

A diversidade, que é encontrada neste espaço escolar, pode ser ao mesmo tempo um elemento enriquecedor para o profissional docente, que deverá sempre pensar uma estratégia de trabalho que consiga atender a todos os alunos. Não existe esta fórmula mágica, as práticas precisam ser analisadas e refletidas diariamente, pensando sempre em como atingir o maior número possível de educandos, que através dos desafios propostos mostrarão avanços em seus aprendizados.

2.2. Os sujeitos envolvidos

A professora A, da turma na qual fiz as minhas observações e construí o meu diário de campo, foi indicada pela coordenadora Pedagógica da Escola; trata-se de uma turma com 23 alunos, sendo que a grande maioria dos mesmos possui problemas de aprendizagem, havendo ainda cinco casos mais graves, de alunos com laudo médico e encaminhamento para outros profissionais de saúde, além do espaço escolar.

Neste semestre, a professora não tem estagiária, atuando sozinha com os alunos, sofrendo desafios diários para atender as diferentes demandas da sala de aula. Seu trabalho de constantes questionamentos me faz repensar que “[...] hoje o trabalho docente representa uma atividade profissional complexa e de alto nível, que exige conhecimentos e competências em vários campos.” (Tardif & Lessard, 2009, pág.09.).

2.3. A construção do Projeto de Pesquisa

Neste contexto e com estes sujeitos desenvolvi a minha temática, lembrando que vários escritos já foram feitos sobre a “Formação de professores”. Durante os anos de 1990, por exemplo, cerca de 6% a 7% das teses e dissertações defendidas na área da Educação se referiam à formação docente. Logo no

início de 2007, no entanto, esta parcela atinge os 22% das produções científicas.³

Atuei também como bolsista de Iniciação Científica durante três anos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Minha temática de pesquisa também esteve voltada para este assunto, fazendo várias leituras de autores como Tardif & Lessard, Nóvoa, entre outros.

Mas para chegar a escrita deste tema não foi um caminho fácil. Escrever sobre formação docente é um desafio, principalmente quando envolve a sua própria formação.

|

³ Marli E.D.A. A produção acadêmica sobre Formação de Professores. Um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. **Formação Docente**. Revista Brasileira sobre Formação Docente, V.1, n.1, ago/dez 2009, 41-56.

3 DELINEAMENTO TEÓRICO- METODOLÓGICO

3.1. A escolha da metodologia

A escrita deste trabalho exigiu uma delimitação teórica- metodológica que, dentro de um curto espaço de tempo, conseguisse atingir os objetivos estabelecidos.

Dessa maneira, a pesquisa se constitui em um estudo de caso onde “o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUDKE ; ANDRÉ, 1986, pág.21).

É uma escrita de cunho etnográfico onde realizei a coleta de dados pessoalmente, anotando as observações no meu diário de campo, registrando diretamente as atividades do grupo estudado, pois segundo Yin(2010) se faz necessário uma longa e intensa imersão na realidade para entender as regras, os costumes e as convenções que governam a vida do grupo estudado.

Ao tentar escrever sobre as situações vividas nesta sala de aula, tanto por parte do professor como dos alunos, suas relações, busco descrever uma realidade local, específica, porém múltipla e subjetiva a cada um dos participantes por ela envolvidos, lembrando sempre que um estudo de caso “[...] é sempre bem delimitado devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo.” (LUDKE ; ANDRÉ, 1986, pág.17).

Possui também um caráter qualitativo, com uma entrevista semiestruturada⁴, feita por mim à professora da turma. As questões que desencadearam a nossa conversa foram aumentadas no desenrolar da mesma. Selecionei e analisei os diferentes discursos, baseada sempre nos conteúdos aprendidos durante meu curso de Pedagogia.

A formação profissional foi por mim salientada, bem como a relação da mesma com as práticas cotidianas da sala de aula.

Como ferramenta de análise, realizo também Análise Documental, onde estudo a Lei das Diretrizes e Bases da Educação, em especial a Lei nº 9.394/96 (Brasil, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III, diz que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”. (MEC/CNE/CEB 2009).

Conforme estudado em Yin (2010), a análise documental busca identificar informações relevantes nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Desta forma, os documentos podem ser analisados e revisitados, de acordo com os interesses do pesquisador.

Como neste espaço educacional observado, há uma presença de alunos com necessidades educacionais especiais dentro do contexto regular de ensino, analiso também como os mesmos estão sendo atendidos, analisando em especial o capítulo 5 da Lei 9.394/96 da LDB, que trata somente de aspectos referentes à Educação Especial.

3.2.A escolha do aporte teórico

Esse trabalho também compartilha a ideia de que antes de tudo, é necessária a contextualização das práticas formativas e de docência. A formação docente não é exclusiva do professor. Ela deve ser contextualizada por outros e diferentes aspectos que se fazem presentes nos contextos da sala da aula, escolas e outros espaços pedagógicos.

Pensando dessa maneira, percebo que somos atravessados por muitas questões, não apenas como educadores em formação, mas como profissionais

⁴ A entrevista com as vinte e três questões, está adicionada na íntegra no Apêndice deste trabalho.

docentes, já atuantes em sala de aula. Para tanto, busco aparato teórico com alguns autores, acerca do que vi, pesquisei, realizei leituras e acompanhei neste espaço escolar. Assim, me apoio em Sacristán (1998, 2002), nas reflexões acerca das aproximações e distanciamentos das teorias educacionais e práticas cotidianas.

Cabe salientar a ocorrência de diversas situações que por muitas vezes acabam acontecendo dentro do contexto da sala de aula, o profissional docente precisa repensar e reformular a sua prática pedagógica, tendo que adequá-la para assim conseguir atingir os seus objetivos. Tomamos um caminho distante do inicial, mas não esquecemos que “se no plano está a previsão [...] analisar que tipo de atividade o professor deve realizar, serve como um recurso para realizar o seu trabalho de intervenção.”(SACRISTÁN, 1998, pág.201).

Com relação as identidades docentes, mais especificamente na discussão sobre os saberes docentes, me ancoo em Tardif (2002, 2009) , num discurso de saberes múltiplos, contextualizados, temporais e inseridos em relações de poder.

Compete ao profissional docente estar preparado para atender as diferentes demandas, este é um dos objetivos da pedagogia, pois segundo Tardif (2002):

“[...] diferente do trabalhador industrial, o professor precisa, o tempo inteiro, reajustar seus objetivos em função da tarefa que está realizando e de todas as suas limitações temporais, sociais e materiais. Nesse sentido, seus objetivos de trabalho dependem intimamente de suas ações, decisões e escolhas.”
(TARDIF, 2002, pág. 127)

Nas teorizações sobre as práticas de sala de aula e seus cotidianos, uso a contribuição de Nóvoa (2011), onde o autor enfatiza cinco pontos importantes para a formação de professores dentro da profissão: práticas, profissão, pessoa, partilha e público.

No primeiro enfoque, da prática, ressalto que o profissional docente acaba assumindo após a sua formação inicial a mesma, pois ao ser inserido no contexto cotidiano da sala de aula, tendo como referência o trabalho escolar centrado na aprendizagem dos alunos e no estudo dos casos concretos que acabam ocorrendo dentro deste espaço, sua profissionalidade acaba sendo assim adquirida de certa forma dentro da profissão, pois “ o modelo que pode nos servir de inspiração está ancorado em quatro pilares: a persistência, compreensão do conhecimento, reelaboração e inovação.” (NÓVOA, 2011, pág.51)

Falando mais especificamente sobre a profissão, devemos lembrar que a formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, devemos

buscar uma aquisição de cultura profissional, cabendo “ aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens. (NÓVOA, 2011, p.53)

Na dimensão da pessoa, devemos sempre lembrar que é impossível separar as dimensões pessoal e profissional. Pensando desta forma, acabamos por transmitir aos nossos alunos aquilo que somos e muito do que somos acaba se encontrando naquilo que ensinamos. Por este fato, é necessário sempre que o professor faça, segundo Nóvoa:

“um trabalho de auto- reflexão e de auto-análise [...] lembrando que o registro escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência do seu trabalho e de sua identidade como professor.” (Nóvoa, 2011, pág. 56)

Os profissionais docentes devem valorizar o trabalho em equipe e o exercício coletivo da profissão, partilhando assim saberes e conhecimentos adquiridos, esse diálogo profissional deve fazer parte do cotidiano dos professores, pois sem esta “partilha”, nós enquanto educadores “continuaremos a repetir os mesmos métodos e intenções que dificilmente terão uma tradução concreta na vida dos professores e das escolas.” (NÓVOA, 2011, pág.57)

O mesmo autor, no último enfoque, o público, ressalta que a formação dos professores deve ser marcada por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a participação e o diálogo com os demais envolvidos na comunidade escolar. Os pais precisam fazer parte deste diálogo, lembrando que “as escolas são lugares de relação e comunicação [...] há uma ausência de voz dos professores. É necessário aprender a se comunicar com o público, conquistando os mesmos para o trabalho educativo da escola.” (NÓVOA, 2011, pág.59).

Não esquecendo dos procedimentos e métodos de trabalho dos profissionais docentes, reflito sobre as transgressões e mudanças, que devem ser feitas dentro de cada sala de aula, atendendo as diferentes demanda e desafios, sobre o olhar de Hernández, onde “ a função docente passa a ser mediadora de culturas e facilitadora de estratégias de interpretação por parte de alunos e professores por ela envolvidos.” (HERNANDEZ, 1998, pág. 17).

Ainda, como referencial, apoio-me na Lei nº 9.394/96, lançando um olhar sobre os alunos com necessidades educacionais especiais, que estão inseridos nesta escola regular de ensino. Lembrando que os mesmos possuem direitos assegurados para ocuparem este espaço, que precisa de adequar para atendê-los.

Tal delineamento teórico une linhas de pensamento, dados e análises realizados durante a pesquisa e a escrita deste trabalho. Este exercício foi feito por mim com extremo cuidado, pois exigiu momentos de reflexão, busca de memórias do fazer/ser docente enquanto acadêmica e futura profissional do magistério.

|

4.BLOCO ANALÍTICO

PARTE I

4.1. Analisando o cotidiano da sala de aula

Neste primeiro momento, vou descrever situações que observei e registrei em meu diário de campo. São situações de cotidiano de sala de aula, que muitas vezes sucedem e que exigem de nós enquanto professores, uma tomada de decisão para contornar as ocorrências que acabam acontecendo, as quais, na maioria das vezes, não foi por nós prevista ou planejada.

Descreverei através de blocos extraídos de meu diário de campo, sucedidos por comentários baseados no referencial utilizado.

⁵BLOCO 1- Quando ocorrem situações atípicas

Chego na escola hoje e sou informada que a turma está em outro prédio. É uma segunda-feira. Houve uma inundação do prédio no final de semana. Encontro os alunos na sala de francês. Todos sentados em cadeiras altas, sem classes. As cadeiras tem um braço, onde podem apoiar os cadernos e realizar a cópia do quadro. Alguns não conseguem se sentar corretamente, tem dificuldade com o material, não sabem como acomodar o mesmo. A professora segue a rotina normal. Como incentivo para a realização das atividades, mostra um carimbo com um macaquinho. Os que terminarem a cópia do quadro terão seus cadernos carimbados com o mesmo. Alguns alunos se agitam. Há muita conversa, pois estão todos sentados lado a lado. A professora Solange pede silêncio. O aluno Jorge com necessidades especiais se anima, pois quer receber o seu carimbo. Alguns alunos terminam a cópia e começam a ter seus cadernos carimbados. A atividade prossegue com a leitura de um livro que está sendo trabalhado com a turma. O aluno Jorge consegue terminar a cópia, mostra seu caderno, mas não recebe o carimbo, pois a professora já estava em outra

Fonte: Diário de campo- dia 31/03/2014- segunda-feira

Nesse dia em especial, pude perceber como a rotina fazia parte das práticas pedagógicas da turma observada. Mesmo os alunos estando em uma situação diferente do cotidiano, pois não estavam em seu espaço usual de sala de aula, a professora não mudou em nada o seu planejamento, colocando até mesmo a rotina das atividades do dia no quadro, para que todos copiassem.

O incentivo para a cópia: o carimbo de um macaquinho. Essa prática de recompensa acabou de certa forma incentivando os alunos para a cópia, até mesmo aqueles que apresentavam mais dificuldade, dentro do seu próprio espaço de sala de aula. Fico surpreendida com a produção de todos, apesar das dificuldades que alguns encontraram, até mesmo para apoiar os seus cadernos, numa cadeira alta, onde muitos não conseguiram nem ainda encostar os seus pequenos pés no chão.

Essa prática nos mostra como “a rotinização de uma atividade, repousa num controle da ação por parte do professor, controle esse baseado na aprendizagem e na aquisição temporal das competências práticas”. (TARDIF, 2002, pág.102)

Ainda que se encontrando numa situação atípica (a inundação da sala de aula) e tendo que se deslocar para outro espaço com seus alunos, percebo que a rotina não foi alterada, sendo esta vista pela professora Solange como uma forma de controle e mesmo dentro destas condições, ao premiar os alunos com carimbos, por executarem com perfeição a tarefa proposta, acabou esquecendo alguns, pois quando finalmente todos terminaram a cópia, já se desenrolava a atividade número 2.

BLOCO 2- Quando existem alunos com necessidades especiais no contexto

Logo no início das observações, sou informada da existência de que há alunos com necessidades especiais neste contexto. Dois deles logo me cativam: O aluno Jorge e a aluna Maria. Percebo que o aluno Jorge, apesar das suas dificuldades, consegue realizar as suas atividades sozinho, mas em um ritmo mais lento que o restante da turma. Já a realidade da aluna Maria é bem diferente. Ela não consegue ir além das atividades propostas, ficando somente na mera cópia do quadro. É bem difícil concluir as suas tarefas e exige do professor atendimento constante.

Fonte: Diário de campo- dia 01/04/2014- terça-feira

Sabemos hoje que por lei, os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser inseridos no sistema regular de ensino, conforme a resolução 04/2009 CNE:

Art. 1º Para a implantação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O texto legal continua, enfatizando que os alunos com necessidades educacionais especiais devem ter facilidade de acesso, utilização de materiais didáticos e pedagógicos, equipamentos, mobiliários e sistemas de comunicação e informação assegurados. (MEC/CNE/CEB 2009)

Mas a realidade que encontramos nas escolas é muito diferente da Lei. Neste espaço escolar em específico, encontramos uma profissional docente tendo que dar conta sozinha das muitas especificidades diferentes, sendo sempre surpreendida por algum aluno e suas demandas especiais.

Alguns alunos ainda conseguem ir adiante nas propostas educativas, em um tempo diferenciado em relação aos demais colegas de sala de aula, mas conseguem realizar o trabalho ou estudo. Uma aluna, em especial, precisa de atendimento constante, o que não é possível à professora, com uma turma de 23 alunos.

Esta aluna não consegue evoluir além da mera cópia do quadro. Pergunto: o que fazer nestes casos? A escola conta com Atendimento Pedagógico Especializado, mas aqui, em específico, uma professora auxiliar facilitaria o processo.

A professora Solange não possui formação especializada para atender os alunos com necessidades educacionais especiais, salientando em sua entrevista que tudo o que sabe aprendeu de forma prática, em um trabalho que desenvolveu em uma ONG há vários anos. (Entrevista semiestruturada- bloco de perguntas- resposta 18).

As atividades que são oferecidas a estes alunos não são diferenciadas, eles têm o mesmo tipo de atividades que o restante da turma. Espera-se destes o mesmo desempenho e aproveitamento que os demais alunos.

BLOCO 3- Quando o resultado não é o esperado

Hoje será aplicado a subteste de matemática na turma, verificando conhecimentos. As classes já estão organizadas uma atrás da outra. A proposta é que os alunos façam aquilo que sabem. Existem questões básicas como $1 + 1$ até algumas mais complexas como $4/2$. Lembro que estamos em uma turma de 2º ano. São 16 questões ao total. A proposta é que 9 questões sejam acertadas pela maioria, pois são mais básicas, de 1º ano. Muitos têm dificuldade até mesmo para ler as mesmas. No final, somente uma única aluna consegue o desempenho esperado. Nove alunos ficam com a média de 6 ou mais questões. Dois alunos não conseguem acertar uma única questão.

Fonte: Diário de campo- dia 29/04/2014- terça-feira

Observando a turma, neste dia em especial, pude perceber que todos os alunos se envolveram com a atividade proposta. Alguns estavam até ansiosos e solicitavam ajuda para resolver as questões. Fui de classe em classe, para auxiliá-los, pedindo que levantassem a mão e aguardassem em silêncio.

O aluno Jorge mostra empenho, apesar das suas dificuldades educacionais especiais e tem um resultado além do esperado ao final. Já a aluna Maria não consegue resolver nenhuma questão, nem com meu empenho de tentar ajudá-la na questão mais básica (1+ 1). Alguns colegas ficam impacientes vendo que estou tentando ajudá-la e até assopram a resposta. Mas, mesmo assim, a referida aluna deixa a questão em branco.

Ao final, percebo que a professora Solange fica frustrada com o desempenho geral da turma. Fala que algumas coisas precisam ser mudadas. Recordo então o estudado no curso de Pedagogia, que “concretamente, ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos relativos á aprendizagem de vão além de conhecimentos á socialização”. (TARDIF, 2002, pág. 118).

Neste momento percebo que os colegas queriam muito ajudar a Maria, há entre eles um empenho que vai além do individual, como uma equipe querem que todos possam atingir os resultados. Esta interação que constatei, a ajuda mútua não está nos conteúdos escolares e também deve ser vista e valorizada pelo profissional docente, pois são aprendizagens que vão além do que se espera, atingindo diferentes âmbito: sociais, familiares, entre outros. Este acontecimento em especial neste dia, me fez refletir também que, segundo Hernández (1998):

“a função da Escola não é só transmitir “conteúdos”, mas também facilitar a construção da subjetividade para as crianças e adolescentes que se socorrem nela, de maneira que tenham estratégias e recursos para interpretar o mundo no qual vivem e chegar a escrever sua própria história.” (HERNÁNDEZ, 1998 pág. 21)

Os dois autores reforçam o que aprendemos sobre não levar em conta somente os aprendizados expressos em um único processo avaliativo, mas tudo o que envolve os aprendizados cotidianos da sala de aula, e nesse momento, em especial, percebo a interação dos alunos com esta colega que

possui maiores dificuldades. Este fato me marca em particular neste dia, assim como o empenho da mesma ao tentar resolver as questões, os quais lamentavelmente, sem sucesso. .

PARTE II

4.2. Entrevista com a professora Solange

A entrevista que fiz com a professora Solange foi semiestruturada, com vinte e três questões, que desencadeariam a nossa conversa inicial. Destaco algumas delas, analisadas à luz dos teóricos que ancoram a minha pesquisa.

BLOCO 1- Sobre a formação profissional

1) Qualificação/ Formação acadêmica: *Titulação 2006 Graduação em Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Ritter dos Reis, UNIRITTER, Brasil. - Mestrado em letras no Centro Universitário Ritter dos Reis, cuja linha de pesquisa é Linguagem, Discurso e Sociedade, concluído em agosto de 2009, com a dissertação: LITERATURA E IMAGINÁRIO: UMA PONTE ENTRE A INFANCIA E A VELHICE. Formação complementar: Programa de formação continuada para a qualificação da convivência e da aprendizagem de crianças e jovens sem situação de vulnerabilidade social.* **Experiência profissional:** *Coordenadora Pedagógica dos Projetos Sociais da Fundação Irmão José Otão. Educadora social na Escola Municipal Ildo Meneguetti e Escola Estadual E. F. Nações Unidas – como educadora do Programa Federal Mais educação. Educadora social na E.E.E.F. Rafael Pinto Bandeira e Escola E. E. F. Nações Unidas – como educadora do Programa Federal Mais educação atuação como Orientadora Educacional – E.E.E.M. Santos Dumont. Ensino fundamental e médio. Professora substituta Colégio de Aplicação da UFRGS – atuando com alfa 2.*

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas 1 e 2

A partir destas respostas, que compõem o bloco de perguntas 1 e 2 da entrevista semiestruturada, passo a conhecer um pouco melhor a professora Solange. Sua formação profissional, vai além do curso de graduação em Pedagogia, estendendo-se até a formação continuada com ênfase com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Como experiência profissional, foi coordenadora de Projetos Sociais, Educadora Social e Orientadora Educacional. Hoje, está inserida no contexto

de uma sala de aula, como professora substituta, numa turma de 2º ano, mas tem uma bagagem educacional anterior a este fato.

Lembrando que em cada um dos espaços onde atuamos, como profissionais, deixamos nossas marcas e somos tocados por ele. Como seres humanos trocamos e sentimos as relações que nos cercam, resignificando sempre os nossos saberes e práticas cotidianas. E como profissional docente em formação, recordo as palavras de Tardif (2002) onde:

“ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído e interações humanas. As interações com os alunos não representa, portanto, um aspecto secundário ou periférico do trabalho dos professores: elas constituem o núcleo e, por essa razão, determinam, ao nosso ver, a própria natureza dos procedimentos e, portanto, da pedagogia.”(TARDIF, 2002, pág. 118).

Os ensinamentos que adquirimos desde a formação inicial e que serão ampliados nos futuros cursos de formação continuada além das nossas práticas diárias, em todos os ambientes que circularmos como profissionais irão nos constituir, serão resignificados, alguns serão substituídos, outros acrescentados. Não teremos sempre as respostas prontas, para cada ação desencadeada teremos que fazer uma transposição, motivando sempre o nosso aluno e gerando sempre novas relações professor/aluno.

BLOCO 2-Escolha da profissão

O porquê da escolha profissional: Escolhi essa profissão porque ao fazer um balanço de minha vida na maturidade percebi que sempre fui educadora. Na área da educação, na área de segurança do trabalho. Agora me especializei para trabalhar com os pequeninos. E está muito bom. **Aspectos positivos e negativos** :Aspecto positivo: quando ouvimos: “que legal a aula hoje”.Aspectos negativos: Quando não encontramos respostas para tudo do precisamos.

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas 3 e 4

Por este bloco de perguntas percebo, que apesar de a professora Solange não ter começado a sua trajetória profissional educando os pequeninos (como ela mesma chama os alunos das séries iniciais), está feliz com seu trabalho. Sente-se desafiada a encontrar as respostas para seus alunos a situações que às vezes ocorre no cotidiano da sala de aula e nos escapam, mesmo que não queiramos.

Recordo- me então das trajetórias profissionais, que devem ser construídas dentro da profissão, pois segundo Nóvoa (2011):

“ser professor é antes de tudo compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se na profissão [...] é no registro e balanço das nossas práticas, reflexão sobre o trabalho e o exercício da

avaliação que nos aperfeiçoamos e nos inovamos como profissionais.” (NÓVOA, 2011, pág.49)

Ao fazer um balanço de sua trajetória, a professora Solange percebe que sempre foi educadora. E sente-se que seu trabalho com os alunos menores é muito bom. É como um novo recomeço, com nossos desafios diários.

BLOCO 3- Linhas teóricas que a profissional docente segue

<p><i>LINHAS TEÓRICAS e autores que embasam o trabalho da profissional docente:os ensinamentos de Piaget, Vigosthy e Wallon</i></p>
--

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas- questão 5

Buscando o que estes autores citados pela professora Solange tem como base na sua linha teórica de aprendizagem, encontrei alguns escritos, fiz a leitura e análise dos mesmos, para tentar entender melhor a sua metodologia aplicada em sala de aula, juntamente com sua turma de alunos.

Sobre Piaget e Vygotsky, realizei a leitura do livro de Montoya (2012), onde o autor faz um paralelo sobre estes dois autores.

Para Montoya (2012), a teoria de Piaget acreditava que a aprendizagem em crianças só ocorre através da ação.As mesmas se desenvolvem através de quatro estágios definidos: sensorio- motor, pré- operatório, operatório concreto e operatório- formal.Precisam e devem passar por estas fases em suas vidas para adquirir conhecimento e desenvolver as suas mentes como seres humanos.

Já Vygotsky acreditava que a aprendizagem ocorre antes do desenvolvimento da criança e é baseado principalmente na história e no simbolismo.Não acreditava que houvesse qualquer conjunto de estágios.As crianças passam por fases de aprendizagem na vida.

Lembrando que tanto Piaget como Vygotsky acreditavam numa teoria que as crianças aprendem juntando novas informações com conhecimentos já adquiridos anteriormente.

Para entender a linha teórica de Wallon, busquei os escritos de Arantes & Valadares(2012), onde encontrei as principais bases dessa teoria de ensino.

Segundo os autores, Henri Wallon tem sua base filosófica no materialismo. As interações são dinâmicas e estão em constante movimento, ao mesmo tempo que as crianças interagem umas com as outras no meio sócio- cultural e físico, elas se transformam e são transformadas. Pregava a importância do movimento, a afetividade e a interação.

Pude perceber que a sala de aula da turma observada possuía muitos recursos visuais, feitos com bastante capricho pela professora. A atividade chamada “

caixa mágica”, que estava sendo desenvolvida pela turma, onde cada aluno levava a mesma para casa, trazendo no dia seguinte com três objetos significativos era uma espécie de troca, onde os alunos acabavam conhecendo melhor o colega, além do aluno desenvolver a seu potencial oral, ao fazer a apresentação do que trouxe na caixa para os demais colegas.

Durante a apresentação, a professora Solange tirava fotos do aluno, valorizando ainda mais a atividade proposta, mostrando o que cada um havia trazido, para os demais colegas. Ao final da atividade, o material trazido pelo era selecionado e colocado num bonito mural no fundo da sala. Era uma forma de valorizar o trabalho dos alunos, que esperavam ansiosos o dia de levarem a “caixa mágica” para casa.

Nesta atividade havia interação, troca de afetividade, pois alguns alunos acabavam se identificando com os objetos trazidos pelos demais colegas. Relações sociais acabavam sendo construídas, pois para que a mesma ocorresse era necessário silêncio, respeito com o outro e as aprendizagens acabavam acontecendo sem o viés do conteúdo propriamente escrito.

Pensando desta maneira, percebo que as aprendizagens, neste momento das atividades diárias de sala de aula, era o mais esperado, pois segundo Sacristán (1998):

“[...] embora o plano de uma atividade tenha semelhanças formais com as outras, inevitavelmente também obedece a outras peculiaridades em cada caso, devido á natureza específica dos fenômenos que intervêm, os valores que guiam, a segurança do conhecimento que apoiam [...] podendo sempre gerar novos conhecimentos.”(SACRISTÁN, 1998, pág.198).

O restante das atividades se observava o planejamento mais focado em atividades pois “ encadeava passos muito detalhados, visando atender certos resultados precisamente previstos[...] práticas dirigidas para alcançar resultados de acordo com as finalidades estabelecidas.”(SACRISTÁN, 1998, pág.198).

Havia também bastante participação dos alunos nas atividades propostas pela professora Solange, a mesma solicitava que os alunos falassem as suas respostas em voz alta, realizassem a leitura do que estava sendo proposto nas atividades, mas não pude perceber a troca dos conhecimentos além da oralidade. Somente no dia da avaliação de matemática, pude perceber que os colegas queriam muito ajudar a aluna Maria, mas o mesmo não era permitido no momento.

Esta troca, esta interação, que se faz tão necessária nos ambientes escolares e que gera conhecimentos significativos, acontecia somente em um único momento nesta sala de aula. Acredito que ela devia existir na maioria das

atividades propostas, principalmente para auxiliar os alunos com necessidades especiais inseridos neste espaço.

BLOCO 4- A escola e seus recursos

Recursos como reprografia sim, nesse trimestre a biblioteca está de greve e é um local no qual trabalho bastante com as crianças. Compartilho a turma com professores das amoras, pixel, no papel de espectadores para ouvirem e verem relatos dos alunos “maiores”. PC para pesquisas e contatos.

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas- questão 8

Analisando primeiramente a frase, onde a professora relata a greve na biblioteca, contata que este espaço muito apreciado pela maioria das crianças, não está sendo utilizado neste momento. Não é por culpa do profissional docente, que relata que trabalha bastante com os alunos neste espaço.

As histórias que poderiam ser lidas neste espaço e compartilhadas em sala de aula pelos alunos, não estão ocorrendo neste momento, pois a greve deixa a biblioteca fechada. O livro que está sendo trabalhado pela professora é lido juntamente com todos, mas se todos pudessem escolher o seu para leitura e contar o que entendeu para os demais colegas, as trocas de saberes seriam mais significativas e o aprendizado ocorreria de forma mais leve e livre.

A escola observada possui vários recursos, e ainda a professora pode contar com o apoio dos professores específicos das áreas, que deveriam trabalhar de forma conjunta. Mas sabemos, que a realidade é sempre diferente daquilo que é esperado e pouco acaba sendo compartilhado.

Nesta turma em específico, existe um compartilhamento com os professores e alunos das “Amoras”, que são os alunos do 6º ano, que vem a turma contar os seus relatos e experiências vividas no outro prédio, incentivando os mesmos a sempre continuar seus estudos, para então chegarem à faculdade, neste caso em específico á UFRGS.

Esta interação, que geralmente ocorre no final de cada trimestre, é sempre esperada pelos alunos. Os mesmos são colocados em círculo, na posição de plateia, onde assistem apresentações de trabalhos dos alunos maiores. Percebo que estas atividades são importantes para o grupo e deveriam ocorrer neste espaço com maior frequência, mas são uma tentativa de integrá-los ao que acontece neste estabelecimento de ensino, que muito pode oferecer em termos de interações e pouco é utilizado pelos professores, lembrando que “[...] diante das novas “missões” da escola e da maior complexidade do seu papel, o docente é instado a trabalhar em equipe e a

desenvolver práticas institucionais, investindo-se na vida coletiva do seu estabelecimento.”(TARDIF, 2009, pág.73).

Cada aluno também dispõe de um computador pequeno, pois a escola faz parte do projeto UCA (um computador por aluno), onde cada um realiza pesquisas sobre os temas apresentados, ampliando desta forma os seus conhecimentos. A professora incentiva o uso do mesmo na sala de aula, pelo menos uma vez por semana.

O profissional docente também pode contar com os recursos de tipografia (cópia impressa), para reproduzir os materiais de sala de aula, realizando assim uma aula mais dinâmica, onde o aluno tenha mais tempo para pesquisa e produção, do que a simples cópia do quadro.

Observando o contexto da escola e seus recursos, pode constatar que este espaço em específico, espera do profissional docente nele inserido, um bom projeto de trabalho, com resultados já pré- estabelecidos desde o início, que realize suas tarefas conforme descrito por Sacristán (1998):

A estrutura da escola, as relações internas, as formas de organização dos professores/as, sua coordenação, as atividades culturais realizadas, a disposição do espaço, a ordenação do tempo, etc. determinam um contexto organizativo que dá significado particular ao projeto concreto que uma escola tem para seus professores/as e alunos/as.” (SACRISTÁN, 1998, pág.130).

Este espaço educacional em particular, pelos recursos que oferece em relação as demais escolas em seu entorno, pela sua organização e estrutura, espera um bom desempenho do profissional docente, uma aprendizagem e educação significativa para os alunos ali inseridos.

BLOCO 5- Os alunos

Conceito de bom aluno: O aluno que me testa, responde quando solicitado e instiga os demais na busca de coisas novas. **Alunos com dificuldades:** Ao aluno que se permite uma relação mais aproximada de professor – aprendiz um apoio mais dirigido. Com atividades extras. **Alunos com necessidades especiais inseridos no contexto da sala de aula:** Um desafio muito grande. É um exercício desafiador com certeza. A cada momento não se sabe o que vai desencadear o que e em quem. A turma como a que estou trabalhando esse ano, precisaria de auxílio de monitores, famílias que nos ouvissem e buscassem diagnósticos, o que nos auxiliaria na busca de apoio teórico, estrutural, e maneira para que o manejo fosse mais positivo.

Fonte: Entrevista semiestruturada-Bloco de questões 10,14 e 19.

Ao comentar sobre os alunos, percebo que as demandas da sala de aula, estão de certa forma englobadas na resposta da professora Solange.

Todos são alunos, mas com especificidades e desafios diários diferenciados que deverão ser preenchidos pelo professor. O bom aluno é aquele que faz- nos ir

além, buscar as respostas que não foram formuladas, não foram trazidas, que não estão agora neste momento no planejamento.

Neste caso em específico, o aluno contará com os recursos do computador em sala de aula para fomentar a sua curiosidade e descobrir as respostas por meio da pesquisa, se o professor assim o permitir. É preciso ir além do conteúdo, ampliando assim os saberes e gerando conhecimentos que realmente sejam significativos.

O aluno com dificuldades segundo a professora Solange só conseguirá evoluir se conseguir estabelecer uma boa relação com o professor. Precisa ter uma postura de aprendiz. E com o apoio dirigido, mais específico, voltado para suas demandas conseguirá evoluir. Demandará do profissional docente uma série de atividades extras, que precisará para conseguir esta evolução e alcançar os demais colegas em nível de aprendizagem e conhecimento.

E por último, o aluno com necessidades educacionais especiais, que além do diagnóstico, precisa de um auxílio extra, tanto dentro como fora da sala de aula. Penso que frente aos diferentes desafios que nos cercam e nos cruzam dentro do contexto escolar é necessário antes de tudo repensarmos a nossa prática, os conteúdos e reinventarmos nossa pedagogia, conforme estudado em Hernández (1998), onde o autor diz que é necessário:

“[...] repensar e reinventar a Escola se quisermos oferecer possibilidades de construção da própria identidade como sujeitos históricos e como cidadãos (e não só aprender “conteúdos”) àqueles que acedem a ela. Uma construção que tem presente as relações que os indivíduos estabelecem com as diferentes experiências culturais e, em especial, com os conhecimentos que podem ter relevância para eles e elas, numa época em mudança, como a que estamos vivendo.”(HERNÁNDEZ, 1998, pág. 16).

BLOCO 6- PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO

Planejamento: Planejamento é dinâmico, pois há um compartilhamento com as especializadas, fonoaudiologia. **Avaliação:** A avaliação é contínua, é o resultado da atuação do aluno no dia a dia.

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas 12 e 13.

Sempre partindo do pressuposto que planejamento e avaliação andam juntos, coloquei as duas respostas da professora Solange no mesmo bloco. Sempre que planejamos uma atividade já estamos de certa forma, esperando produzir um resultado em nosso aluno.

Como mencionado pela professora Solange, neste espaço escolar há um compartilhamento das disciplinas com os demais professores especializados das demais áreas. Por este motivo, espera-se que o planejamento também seja compartilhado, facilitando assim a aprendizagem dos alunos.

Existe um compartilhamento, mas não observa-se de forma total. Poucas áreas trocam este planejamento, seja por falta de tempo, ou por estarem no momento abordando temáticas diferenciadas, são poucas as trocas. O que pude perceber em especial foram as tentativas de solucionar problemas de aprendizagem, contando com o apoio dos demais profissionais inseridos neste espaço, como a fonoaudióloga.

Lembrando que este espaço escolar possui vários profissionais docentes especializados em diferentes áreas de ensino, esse recurso que não existe na maioria das escolas, deveria ser aproveitado, para gerar aprendizagens de múltiplos olhares, não um ensino curricular e com ênfase em disciplinas, mas pensando sempre em dotar o aluno com a especificidade de interpretar, relacionar e aprender dentro de um contexto plural, conforme estudado em Hernández (1998) onde:

[...] a cultura escolar adquire a função de refazer e de renomear o mundo e de ensinar os alunos a interpretar os significados mutáveis com que os indivíduos das diferentes culturas e tempos históricos dotam a realidade de sentido. Ao mesmo tempo em que lhes abre as portas para compreender suas concepções e as de quem os rodeiam.” (HERNÁNDEZ, 1998, pág.28).

Analisando a avaliação, ainda dentro desta perspectiva plural, o aprendizado deve ser contínuo e progressivo como destacado na resposta da professora A, ampliando sempre os saberes e fazendo sempre o aluno progredir diariamente, pois a mesma “[...] tem alguns objetivos primordiais que devem ser levados em conta: Fazer os alunos progredirem para a subjetividade, colocar em relação, o que significa destacar que se trabalhou e o que se quer ampliar.” (Hernández, 1998, pág.96).

Mesmo tendo observado que ainda existe trabalhos que são avaliados de forma específica neste espaço, para verificação dos aprendizados, percebo também que a progressão, as conquistas individuais de cada um são analisadas como um todo.

BLOCO 7- RELAÇÃO COM OS PAIS DOS ALUNOS

Famílias: Contato via agenda, via email, e quando necessárias reuniões com a presença do NOPE. **Alunos com problemas de aprendizagem:** aproximação dos alunos ao professor (localização na sala de aula), diálogos com os alunos buscando respostas sobre seu comportamento, explicação do que PE estar em sala de aula, Buscar apoio via NOPE junto à família **Alunos com necessidades especiais:** Conhecer algum diagnóstico seria imprescindível, pois para casa há uma possibilidade. Ter uma turma reduzida, atividades múltiplas, e muitas questões estruturais e administrativas respondidas e resolvidas.

Percebe-se pelas respostas fornecidas pela professora Solange, que tem uma boa relação com os pais de alunos. A agenda da escola é sempre utilizada pela mesma, para orientar os responsáveis sobre tudo o que está ocorrendo na sala de aula, bem como as dificuldades individuais de cada aluno, sempre solicitando auxílio dos mesmos aos filhos.

Existem alunos com necessidades educacionais especiais inseridos neste espaço, o que requer um acompanhamento mais de perto do professor. Alguns não tem um diagnóstico definido ainda, o que acaba prejudicando o trabalho da professora, pois não sabe como encaminhar de fato o aluno, quando um problema ocorre.

E ainda existem os alunos somente com as dificuldades de aprendizagem, mas que são mais lentos que o restante da turma para a execução da maioria das atividades propostas. Mas com todos a professora Solange demonstra o mesmo empenho e busca sempre junto as famílias o apoio necessário para a realização de um bom trabalho, além de contar com o atendimento educacional especializado que é fornecido pela escola.

Nessa relação de transparência, sempre pronta a responder sobre o que está ensinando, o que está fazendo para atender esta demanda específica, que o trabalho flui, pois também “[...] ao professor cabe a capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre a ato de educar. E também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos e pais para o trabalho escolar.”(NÓVOA, 2011, pág.49)

BLOCO 8 - FORMAÇÃO PARA ATENDER ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

18) Teve uma formação específica para trabalhar com os alunos com necessidades especiais que estão inseridos na tua sala? *Uma formação específica não, aprendizados com alunos com necessidades especiais nas práticas pedagógicas, em especial em uma ONG onde atuei por 6 anos. Ou seja: leituras, estudos e na prática.*

19) Como te sentes ao trabalhar com estes alunos com necessidades educacionais especiais? *Um desafio muito grande.*

20) Como é este trabalho para atender estes alunos com necessidades educacionais especiais ? *É um exercício desafiador com certeza, a cada momento não se sabe o que vai desencadear o que e em quem.*

21) Como tu analisas o teu trabalho com estes alunos com necessidades especiais inseridos no teu contexto de sala de aula? *A turma como a que estou trabalhando esse ano, precisaria de auxílio de monitores, famílias que nos ouvissem e buscassem diagnósticos, o que nos auxiliaria na busca de apoio teórico, estrutural, e maneira para que o manejo fosse mais positivo.*

Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas 18, 19, 20 e 21.

Mesmo não possuindo formação específica para atender ao alunos com necessidades educacionais especiais inseridos no seu contexto de sala de

aula, a professora Solange, sente-se desafiada a trabalhar com os mesmos. Realiza leituras para facilitar a sua prática. Remete a importância do diagnóstico, para assim facilitar o seu trabalho.

Fala da importância de um professor assistente, que possa dar uma atenção mais específica para estes casos em específico e como a estrutura (escola) poderia colaborar mais, com apoio desde teórico até profissionais específicos que trabalhassem em conjunto na sala de aula.

Esta escola em particular possui este atendimento, mas segundo a professora ele precisa estar dentro da sala de aula também, pois tem uma turma grande, que exige diferentes demandas e não é possível dispensar atenção aos que necessitam desse atendimento exclusivo o tempo integral.

Lembrando sempre que ao trabalhar com estes alunos com necessidades educacionais especiais, além de superar desafios, é necessário o profissional docente estar sempre atendo as conquistas diárias de conhecimento de cada um, incentivando o mesmo a superar os seus limites, respeitando seu tempo diferenciado, pois hoje com a obrigatoriedade da lei, que exige que estes alunos estejam na escola regular de ensino, o conceito de educar ganha mais encargos e desafios diários, pois neste caso “educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas pelo destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola”. (NÓVOA, 2001, pág.49).

PARTE III

4.3 Em frente ao espelho- minha caminhada de formação

Nesta última parte do Bloco Analítico, faço um recorte e uma análise da minha própria caminhada de formação, enquanto acadêmica do curso de Pedagogia da UFRGS. Procuo destacar algumas disciplinas que foram importantes e que contribuíram para a construção da minha identidade docente.

As disciplinas serão colocadas em quadros, bem como a súmula das mesmas, com os principais enfoques que cada uma destacou como ensino-aprendizagem. Acrescento a cada bloco um recorte da experiência documentada para este trabalho de conclusão.

Bloco 1- Educação Especial e Inclusão

Súmula da disciplina- *Análise histórica da Educação Especial e das tendências atuais, no cenário internacional e nacional. Conceitos e paradigmas. Os sujeitos do processo educacional especial e inclusivo. A educação especial a partir do projeto político-pedagógico da educação inclusiva. Os alunos com necessidades educacionais especiais na educação básica: questões de interdisciplinaridade, currículo, progressão e gestão escolar.*

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do
aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Esta disciplina foi por mim estudada no 1º semestre do ano de 2010/2, quando ingressei na UFRGS. É uma disciplina de caráter obrigatória, com três créditos.

Apesar de na sua súmula não aparecer a palavra formação, questões como interdisciplinaridade, currículo, progressão e gestão escolar estão contempladas. Através desta disciplina, tive contato pela primeira vez com as questões de inclusão e com a Lei nº 9.394/96, que trata especificamente da inclusão escolar.

Estudei as questões de diferença e diversidade que agora mais do que nunca, ocupam o espaço regular de ensino. Estes conceitos foram de extrema importância para a minha caminhada docente, que já no começo me fez perceber que era necessário buscar uma formação mais específica, se quisesse aprender mais sobre a área da inclusão.

Por este motivo, ainda durante o curso, tentando aprimorar os meus conhecimentos, acabei cursando mais três disciplinas, que também abordavam outros tipos de inclusão. São elas Libras (2), Educação de Surdos e Psicopedagogia 2 (todas de caráter eletivo), onde estudei outras temáticas sobre este tema, bem como outros tipos de transtornos e dificuldades encontrados pelos alunos durante o processo de ensino- aprendizagem.

Nesta disciplina em especial, aprendi como devemos sempre tentar incluir o público alvo da educação especial, em todas as atividades propostas. As situações como as vivenciadas na observação lançaram em mim uma expectativa de estar dentro da sala de aula, proporcionando um trabalho igualitário e de qualidade. Fatos do cotidiano, que ficaram registrados no meu diário de campo e que necessitam ser administrados pelo profissional docente:

“Hoje percebo que Jorge não consegue ficar quieto. Está muito ansioso por causa do ditado que será realizado. Ao final, a sua tensão é tanta que não consegue ficar sem mexer na mochila. Briga com a mesma, tentando para que fique em pé. Soca, chuta... A professora Solange ignora, continua a aula...” (Fonte: Trechos do diário de campo- aula do dia 08/04/2014).

Estes momentos de tensão precisam ser estancados e não ignorados. Faz-se necessária uma intervenção do professor, proporcionando um momento de calma, para logo após retomar as demais atividades.

Bloco 2—Ação pedagógica de 0 a 10 anos

Súmula da disciplina- Reflexões teórico-práticas e organização do trabalho educativo para a faixa etária de 0 a 10 anos. Implicações da ação pedagógica nas interações entre docentes, crianças e comunidades.

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina oferecida no 2º semestre do curso, para mim referente a 2011/1. Disciplina de caráter obrigatória, com 5 créditos.

Na súmula da disciplina não aparece a palavra formação, mas ações pedagógicas com crianças de 0 a 3 anos, foram estudadas, bem como organizar um trabalho educativo que atendesse a esta faixa etária específica.

O que ficou mais marcado para mim, foi a reflexão da prática. Ao final de cada ação pedagógica, cada dia de aula, o profissional deve fazer um pequeno relato dos acontecimentos, seus desafios, suas metas, o que conseguiu atingir e os mais importante a sua própria análise da prática desenvolvida.

Nesta disciplina, tive que realizar muitas leituras para embasar o meu trabalho prático e pude experienciar pela primeira vez, enquanto pedagoga em formação, o cotidiano de uma sala de aula. Textos de Nóvoa (2011) foram-me apresentados e comecei a entender a necessidade de aprender a profissão, dentro da profissão, perspectiva ensinada pelo autor.

Práticas pedagógicas que são desenvolvidas por certo período de tempo, acabam sendo rotinizadas. Pude perceber este fato, com “a caixa mágica”, atividade pedagógica que estava sendo exercida por esta turma. Ao final, um fato marcou como muitas vezes não refletimos sobre o que era a proposta inicial de uma atividade. Anotei que:

“Hoje é último dia da apresentação da “caixa mágica”. A professora Solange foi que trouxe os seus pertences. Noto que os alunos estão ansiosos para ver o conteúdo da mesma. A professora mostra duas fotos e um sapatinho de quando era criança. Ao final, coloca a caixa no lixo. Alguns alunos perguntam: Por que a caixa foi pro lixo? Já estava velha, caindo os pedaços...responde a professora. Constatado que alguns ficam frustrados, como se a caixa fosse importante. A aula prossegue, sem maiores delongas.”(Fonte: Trechos do diário de campo- aula do dia 10/05/2014.)

Esta intervenção pedagógica, que tinha por objetivo conhecer melhor os colegas, desenvolver a oralidade, pois cada aluno deveria explicar porque selecionou estes materiais, acabou sendo desvalorizada pela ação que ocorreu no final. Os alunos já esperavam a sua vez de levar a mesma para casa e davam muita importância a “caixa”, que acabou sendo descartada no lixo.

Bloco 3- Gestão e organização da educação

Súmula da disciplina-O estudo da gestão do trabalho em educação nos sistemas de ensino, nos processos educativos em espaços escolares e não escolares. Políticas públicas para a educação.

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina de caráter obrigatória, oferecida no 3º semestre. Cursei em 2011/2, com 5 créditos.

Nesta disciplina, pude aprender como se processava a organização e gestão dos processos educativos, dentro dos espaços escolares e não escolares. O papel que cada um dos envolvidos dentro da escola deve ter, atuando para que o sistema escolar tenha seu êxito.

O que mais me marcou foi aprender como é importante trabalhar em equipe dentro do sistema educativo, para que a escola cumpra de forma plena o seu papel. Se todos os que atuam dentro do mesmo espaço escolar estiverem envolvidos, a participação dos pais e toda a comunidade escolar, acontecerá de forma automática. Isso fará a diferença e este espaço escolar passará a existir de forma plena.

Realizei muitas leituras sobre gestão escolar, mas o que marcou foram os textos de Nóvoa (2011), nos quais estudei a importância do professor como pessoa pública, que precisa prestar contas do seu trabalho e não ter medo de falar com os pais, envolvendo os mesmos de forma sistemática na aprendizagem dos filhos.

Durante a entrevista feita à professora Solange, a mesma relatou-me trabalhar dentro desta perspectiva, visando integrar os pais e alunos, dentro do seu método de trabalho, conforme destacado, de forma integral, abaixo:

Busco uma aproximação dos alunos junto ao professor (localização na sala de aula), diálogos com os alunos buscando respostas sobre seu comportamento, explicação do que PE estar em sala de aula, Buscar apoio via NOPE junto à família.[...] Os contatos acontecem via agenda, via email, e

quando necessárias reuniões com a presença do NOPE.(Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas- Questões 14 e 15).

A partir da resposta, pode-se destacar a busca em realizar uma prestação de serviço, que vai além da sala de aula, tentando englobar vários setores da escola como o Núcleo de Apoio Pedagógico, Profissional Especializado, entre outros. Essa organização de apoio corporativo, dentro deste contexto, fará a diferença no rendimento final do aluno, que está sendo envolvido nesta rede de aprendizagem.

Bloco 4- Seminário de Docência: aprendizagens de si, do outro e do mundo

Súmula da disciplina- *Disciplina de caráter teórico-prático com ênfase na aprendizagem de si, do outro e do mundo. Iniciação à prática pedagógica com crianças de 0 a 3 anos. Exercício de pesquisa. Análise dos processos educativos referentes à faixa etária de 0 a 3 anos.*

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina de caráter obrigatória, com 6 créditos, feita por mim no 4º semestre, em 2012/1.

Nesta disciplina, tive o momento de sair da teorização para a prática. Depois de estudar Nóvoa (2011), dentro da perspectiva de aprender a profissão, parto agora para prática, com as crianças de 0 a 3 anos.

Este é um universo novo para mim, no qual preciso me descobrir como profissional docente. Mais uma etapa de formação é por mim construída, mas agora de forma prática.

Lembrando que para trabalhar com estes alunos, o profissional docente precisa ter um plano que priorize as rotinas, pois os mesmos estão se adequando ao espaço escolar e que os encante de tal forma que não percebam o tempo passar e as aprendizagens sejam automáticas.

Ressalto que por diversas vezes, o professor acaba aprendendo como trabalhar com seus alunos dentro da sala de aula, de forma prática, quando é confrontado pelas situações do cotidiano, que acontecem dentro deste espaço. Ao final, ao fazer um balanço de suas práticas pedagógicas, descobre que aprendeu muito e teve um crescimento dentro de sua área, como mencionado pela professora:

Escolhi essa profissão porque ao fazer um balanço de minha vida na maturidade percebi que sempre fui educadora. Na área da educação, na área de segurança do trabalho. Agora me especializei para trabalhar com os pequeninos. E está muito bom. (Fonte: Entrevista semiestruturada- Questão 3).

Ao final, destaca que está muito bom trabalhar com os pequeninos, que se especializou nesta área, depois de um longo período de atuação como docente em outras áreas. É como se tivesse se encontrado, descoberto aquilo que realmente sabe, lhe dá prazer. É este aprendizado dentro da profissão, esta profissionalidade que deve ser buscada pelo professor.

Bloco 5- Seminário de Docência: Organização curricular: Fundamentos e possibilidades- 4 a 7 anos

Súmula da disciplina- *Disciplina de caráter teórico-prático com ênfase na organização curricular. Iniciação à prática pedagógica com crianças de 4 a 7 anos. Exercício de pesquisa. Análise dos processos educativos referentes à faixa etária de 4 a 7 anos.*

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina de caráter obrigatória do 5º semestre, oferecida em 2012/2, com carga horária de 6 créditos.

Esta foi um marco divisor no meu curso. Nela aprofundamos as teorias de didática, organização, planejamento da escola. Depois, na segunda parte, precisávamos colocar em prática o aprendizado, através de uma semana de mini- práticas em uma sala de aula, com alunos de 4 a 7 anos.

Foi o semestre onde realizei mais leituras. Descobri autores novos e que foram de extrema importância para a minha formação: Hernández (1998) e Sacristán (1998). Com estes autores aprendi a relevância do currículo, o planejamento e os projetos de trabalho que podem ser adequados à realidade onde o professor atua, atendendo as diferentes demandas que estão presentes dentro do mesmo espaço escolar.

Esses ensinamentos da transgressão e mudança de Hernández (1998), fizeram a diferença no meu percurso, levando- me sempre a refletir os objetivos a atingir com uma atividade proposta, quem será contemplado com a mesma e uma maneira de proporcionar novas aprendizagens e que atraiam a todos. Este é um dos maiores desafios nossos, enquanto educadores em sala de aula.

Refletindo dentro destes pensamentos, devemos ter em mente que:

“ a alma da escola moderna não é a alma religiosa da pós-vida cristã, mas antes a de uma individualidade ordenada pelas disposições, pelas sensibilidades e pela consciência, que faz do aprendiz uma pessoa capaz de evoluir numa cultura e economia globais.”(TARDIF, 2009, pág. 242).

Se como profissionais formos sensíveis, dispostos e conscientes no nosso papel de educadores, faremos a diferença e nosso aluno conseguirá atingir o desenvolvimento pleno das suas potencialidades, integrando-se na sociedade.

Bloco 6- Psicopedagogia

Súmula da disciplina- *Estudo da Psicopedagogia como área interdisciplinar de conhecimento. Fundamentos, formação de profissionais, campo de atuação e abordagens clínica e institucional. Relações com aprendizagem e fracasso escolar. Conceitos de normalidade e patologia nos processos de aprendizagem: determinantes sócio-culturais, familiar e as escolares. Contribuições da Psicopedagogia para a prática em sala de aula.*

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina de caráter obrigatória, com 3 créditos, feita por mim no 6º semestre, em 2013/1.

Nesta disciplina, além de me inteirar dos demais transtornos, além dos que já havia aprendido na Disciplina Educação Especial e Inclusão, aprendi sobre as dificuldades de aprendizagem de leitura, escrita, senso numérico entre outros.

Foi uma disciplina na qual pude ampliar os meus conhecimentos; minha formação passou por um momento de crescimento, onde revisei e ressignifiquei várias temáticas .

Estudei os principais fundamentos para trabalhar com alunos, facilitando o seu processo de ensino aprendizagem dentro da escola. E com Dornelles (2010), aprendi que o professor precisa ter uma ação integradora, que contemple a todos.

Hoje o público alvo da educação especial está inserido na escola regular de ensino. O profissional docente deve integrá-lo nas suas atividades propostas e este fato acaba sendo refletido conforme mencionado pela professora Solange na entrevista:

Como te sentes ao trabalhar com estes alunos com necessidades educacionais especiais? Um

desafio muito grande.(Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas- Questão 19).

A palavra desafio resume de forma clara a dificuldade que temos como docentes de fazer este trabalho integrador, principalmente com este público. São metas que necessitam ser estabelecidas e buscadas diariamente,na tentativa de acolher estes alunos.

Bloco 7-Organização da Escola Básica

Súmula da disciplina- *A organização da escola enquanto mediação de políticas, de ideologias, de interesses e de finalidades da educação brasileira. Abordagens pedagógico-organizacionais da escola enquanto produtora de subjetividade e em termos de suas contradições e mediações. O espaço para a construção de uma escola pública, democrática e de qualidade.*

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina eletiva, com 2 créditos; cursei no 7º semestre, em 2013/2.

Nesta disciplina ampliei o que já havia discutido em outras sobre a LDB e as políticas públicas. O dever do Estado de oferecer escola gratuita e de qualidade a todos foi revisto.

A Organização do espaço escolar, como um auxílio no trabalho do professor também foi abordado. Como trabalhar em uma escola sem recursos? Como saber aproveitar os espaços disponíveis dentro da escola para tornar a aula mais dinâmica e eficaz?

Estas e muitas outras questões foram analisadas e fizeram a diferença na minha formação, aguçando o meu olhar para os espaços, os recursos e o que posso fazer como profissional docente para melhorar a qualidade de ensino do meu aluno.

Tive reforçada a ideia da escola como um local integrador, onde várias áreas de conhecimento estão interligadas, cabendo ao profissional docente fazer uso deste recurso, dialogando, buscando espaços integradores, estabelecendo projetos interdisciplinares, tentando desta forma atingir a todos pela sua ação pedagógica.Esse método de trabalho só reforça a lógica estudada em Tardif (2009) onde:

“ [...] a escola é um espaço aberto, em ligação com outras instituições culturais e científicas, e com forte presença das comunidades locais obriga os docentes a redefinir o sentido social do seu trabalho.Afastando-se de filiações burocráticas e corporativas, elas

devem reconstruir uma identidade profissional que valorize o papel do educador, das redes de aprendizagem, das mediações culturais e organizações de situações educativas.”(TARDIF, 2009, pág. 228).

Bloco 8-Ensino e identidade docente

Súmula da disciplina-Disciplina que trata de questões que perpassam o compromisso com a docência. Tornar-se professor exige conhecer o campo educacional. Inúmeras questões atravessam o fazer docente, entre elas questões de raça/etnia, geração e outros marcadores que perpassam a constituição das identidades docentes.

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina eletiva, com 2 créditos, no 8º semestre, 2014/1.

Esta é uma disciplina marcadora das identidades docentes. Nela pode estudar além de Tardif (2009), Nóvoa (2012), ao lado de alguns tópicos como Pacto pela Educação, Pacto do Ensino Médio, Análise do QEdU para o Ensino Fundamental e Médio do Brasil e RS.

Foram abordados temas importantes como os saberes da formação profissional, os quais segundo Tardif:

“são compostos de várias fontes: saberes disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais. Precisam e devem ser articulados entre si e ressignificados a cada etapa, dentro do contexto onde o profissional docente se encontra inserido, fazendo da sua prática um constante aprendizado e ampliando cada vez mais sua rede de conhecimento.”(TARDIF, 2009, pág. 36)

Aprendemos também sobre a importância dos saberes disciplinares, pois eles segundo o mesmo autor:

“são os que correspondem aos diversos campos do conhecimento. Na faculdade, corresponde as diversas áreas de conhecimento: a sociologia, a psicologia, a filosofia, a linguagem... Cada uma tem um saber próprio, específico ao seu campo de conhecimento. Espera-se que o profissional docente, consiga entender um pouco de cada disciplina, para melhor atuar com seu aluno.”(TARDIF, 2009, pág. 36)

E ressaltamos, ainda seguindo Tardif , a relevância dos saberes experienciais, como:

“(...)aqueles adquiridos com o tempo, na vivência da sala de aula, no cotidiano com os alunos.Quanto mais tempo de trabalho, mais experiência profissional o docente terá e saberá dessa forma, dentro das suas habilidades, transmitir com mais segurança seus conhecimentos.” (TARDIF, 2009, pág. 38)

Assim entendo que a identidade docente acaba sendo construída com o passar do tempo, pelo profissional imerso no seu trabalho. Estas redes de saberes que o integram se refletem de forma clara no cotidiano da sala de aula, nas suas ações pedagógicas, no seu manejo dos recursos disponíveis e seu lidar com os alunos.

O conceito de bom professor expresso pela professora Solange, na entrevista semiestruturada, revela como sua identidade profissional acabou sendo marcada pelas suas práticas e seu tempo de trabalho. Para ela o educador ideal é:

*Bom professor é o que ouve, e nunca desiste.
(Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas-
Questão 9).*

Quando nos encontramos dispostos a ouvir o nosso aluno e nunca desistimos de fato, com certeza faremos a diferença e estamos nos constituindo diariamente enquanto docentes.

Bloco 9- Educação especial, docência e processos inclusivos

Súmula da disciplina: Políticas de inclusão escolar, legislação e desdobramentos para a ação pedagógica. Construção de conhecimento em ambientes sociais e escolares de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, considerando as relações e a prática pedagógica como elementos centrais em percursos que dão prioridade ao ensino comum. Apoios especializados, ação docente, planos de ensino individualizado, docência compartilhada e demais desafios que envolvem o currículo.

Fonte: <https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

Disciplina obrigatória, com 2 créditos, cursada no 8º semestre, 2014/1.

Nesta disciplina, além de ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca do público alvo da Educação Especial, fui instigada a analisar os professores que atendem estes alunos.

Meu interesse passou então do atendimento para a formação. Entendi a necessidade do profissional docente ter o olhar sensível, tentar incluir de fato estes alunos, não importando qual a sua especificidade.

Nas aulas, aprendi que “o professor deve sempre ter em mente que devemos tornar nossos alunos , segundo os ensinamentos de Jean Itard, feliz à sua maneira.” (BAPTISTA, 2014).

Várias são as leis e decretos que garantem ao aluno com necessidades educacionais especiais o seu acesso e permanência na escola, todavia o mais importante que isto é a certeza de que “ a escola deve prioritariamente tentar se adequar ao aluno, e não o aluno a ela.” (BAPTISTA, 2014).

Como professores que atuam em sala de aula, devemos auxiliar o nosso aluno a superar as suas dificuldades mais pontuais e garantir o desempenho daquilo que o mesmo pode nos oferecer. Partindo desta premissa, não estaremos contemplando somente o público alvo da educação especial, porém alunos com dificuldades de aprendizagem e outras especificidades que se encontram no espaço escolar.

O incentivo do profissional docente irá sempre contribuir para que os alunos cresçam cada vez mais, descobrindo um potencial que nem eles mesmos sabiam que possuíam. E todas estas demandas começam a ser entendidas a partir de um ponto específico: o lugar da formação profissional do educador.

A professora Solange destaca, na entrevista, a importância do profissional docente ter conhecimento do diagnóstico preciso do aluno, como este fato facilitaria o seu atendimento em todas as áreas da escola, conforme salientado na resposta abaixo:

Conhecer algum diagnóstico seria imprescindível, pois para cada há uma possibilidade. Ter uma turma reduzida, atividades múltiplas, e muitas questões estruturais e administrativas respondidas e resolvidas.(Fonte: Entrevista semiestruturada- Bloco de perguntas- Questão 23)

Muitos alunos estão inseridos no contexto escolar com transtornos vários, dificuldades de aprendizagem, além das demandas do público alvo da educação especial. Se como docentes, tivermos claro este diagnóstico, teremos melhores condições para realizar o nosso trabalho.

Concluo neste bloco que todos estes conhecimentos, adquiridos dentro destas disciplinas, foram marcadores da minha formação. Constituíram balizas e tornaram de mim uma profissional mais crítica e reflexiva perante a realidade que eventualmente me espera na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo trouxe a temática “A formação do pedagogo e práticas de sala de aula”. Como já destaquei anteriormente, meu objetivo era verificar se esta formação se concretiza de fato, dentro do cotidiano da escola, utilizando a teoria estudada aqui na Faced/UFRGS como contraponto.

Quando comecei a escrita deste trabalho, pensava em focar a análise nos alunos com dificuldades educacionais especiais, inseridos neste contexto regular de ensino. Porém, através da construção do diário de campo, a partir das observações, minha reflexão acabou se voltando prioritariamente para as práticas educacionais do professor neste espaço.

Comecei então a questionar: Qual foi a formação deste profissional docente? Será que está preparado para atender a esta demanda específica de alunos? Eu havia estudado muitas teorias, enquanto docente em formação na minha jornada acadêmica. Resolvi então confrontar o que havia aprendido, observando como se desenrolam estas práticas no contexto escolar.

Resgatei conceitos e autores que haviam sido importantes e trabalhados em várias disciplinas do Curso de Pedagogia da UFRGS, como Formação de professores (Nóvoa), Saberes docentes (Tardif), Práticas escolares (Hernández) e Métodos de trabalho (Sacristán). Sobre estes conceitos aprofundei leituras.

A partir das minhas observações desta sala de aula, da entrevista com a professora titular da turma, da análise da LDB e de minha própria trajetória acadêmica, construí o campo empírico deste trabalho.

Em minha análise do Bloco I, destaco a rotinização das atividades por parte dos professores, como uma forma de controle dos educandos. Ali estão contidas observações quanto aos alunos com necessidades educacionais especiais, dentro do contexto do ensino regular. As dificuldades e desafios que cercam o profissional docente, para atender a esta demanda específica.

No Bloco seguinte, destaco a importância da profissionalização, que acaba sendo construída dentro da própria profissão, com o passar dos anos do exercício da mesma. Avalio também a relação que acaba sendo estabelecida pelos professores e alunos, bem como os pais. Compreendi que se faz necessário que a mesma seja transparente, para que as aprendizagens aconteçam de fato dentro da escola.

No último Bloco de análise deste trabalho, resgato as minhas memórias, com destaque para as disciplinas que foram importantes na minha trajetória acadêmica, bem como o encontro que tive com os autores destacados anteriormente. Analiso como estes conceitos incorporados farão a diferença no meu trabalho, levando sempre a refletir sobre a minha prática e construir um projeto de trabalho que tente sempre contemplar a todos os alunos envolvidos.

Lembro que este estudo é só um recorte, é somente um olhar sobre uma sala de aula específica, localizada dentro de um espaço dado. Cada ambiente escolar tem sua marca, sua prática, seu modo de fazer diferenciado. Todavia como profissionais docentes devemos sempre fazer esta reflexão diária: pensar que nossa formação nunca está pronta, nossos saberes precisam e devem ser ressignificados a todo o instante, as nossas práticas necessitam contemplar a todos os que serão por ela envolvidos e nossos métodos de trabalho podem ser inovadores, refletindo a nossa identidade enquanto docentes.

Não esperava encontrar repostas, mas antes de tudo fazer uma reflexão, uma análise das práticas pedagógicas, recordando que este tema é ao mesmo tempo desafiador e complexo. O mesmo me proporcionou um repensar, recordar aprendizagens, conceitos e tentar sistematizar dentro de mim mesma, como pode ser prazerosa uma prática, caso tenhamos uma base teórica e uma forte convicção do educador que está no caminho certo, na construção do conhecimento com seu aluno.

Em síntese: sinalizo para a necessidade de uma formação de qualidade dos professores dos anos iniciais, para que consigam oferecer um trabalho que realmente faça a diferença nos alunos por ele envolvidos.

Ressalto ainda que a formação é um processo, e como tal nunca está acabado, precisa ser renovado a cada etapa, que a escola necessita de profissionais como nos lembra Nóvoa (2003):

[...] professores que tenham uma formação inicial sólida e que possam dar continuidade a essas

formações, sendo assistido, na instituição em que trabalham, por um programa de formação continuada, que lhes forneça dispositivo de acompanhamento e reflexão do seu fazer pedagógico” (NÓVOA, 2011, pág. 24).

Como profissionais nunca estamos finalizados. A formação acontece a todo instante, é um processo constante, diário. Precisamos estar dispostos a aprender sempre.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, M.M; VALADARES, F.R. **Crianças, educação infantil, aprendizagem e desenvolvimento: Contribuições da teoria Walloniana.** Revista eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia, 2012, cap.3, p.69-80.
- BAPTISTA, Cláudio Roberto. Anotações em aula Faced/UFRGS: Em 14/05/2014.
- BRASIL, **Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial, Brasília: v. 134, n. 248, 23 dez.1996.
- DORNELES, Beatriz. **Educação igual para todos?** Pátio: Revista Pedagógica. Porto Alegre, ano XIV, n.55, p. 14-17, agosto- outubro, 2010.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. O projeto de trabalho sobre “os felinos” (nível B da educação infantil). IN: -----
- A organização do currículo por projetos de trabalho:** O conhecimento é um caleidoscópio. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 95-106.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Um mapa para iniciar um percurso. IN: -----
- Transgressão e mudança:** Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.15-39.
- SACRISTÁN, J.G. **Compreender e transformar o ensino.** 4.ed. Artmed, 1998.
- YIN, Robert k. **Estudo de caso:** Planejamento e métodos. Ed. Bookman. 4ª edição, 2010.

MARLI, E.D.A. A produção acadêmica sobre Formação de Professores. Um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. **Formação Docente**. Revista Brasileira sobre Formação Docente, V.1, n.1, ago/dez 2009, 41-56.

MONTOYA, A.O.D. **Teoria da Aprendizagem na obra de Jean Piaget**. Editora Unesp. 2009.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. IN: ----- **O regresso dos professores**. Pinhais: Melo, 2011.

NÓVOA, António. **Pensar, Alunos, Professores, Escolas e Políticas**. Revista Educação Cultura e Sociedade. Sinop/MT. v.2, n.2, p.07-17, jul/dez. 2012.

LUDKE, Marli. E.D.A. André. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

TARDIF, Maurice & LESSARD, Claude. **Ofício de Professor, O- História, Perspectivas e Desafios Internacionais**. Ed. Vozes, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB 4/2009**. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 2009, Seção , p.17.

SITE CONSULTADO PARA SÚMULA DAS DISCIPLINAS:

<https://www1.ufrgs.br/intranet/portal/public/index.php?Portal> do aluno/graduação/conteúdo programático. Acesso dia 30/05/2014

ANEXOS

1- CARTA DE APRESENTAÇÃO FORNECIDA À ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

Porto Alegre, 12 de março de 2014.

Senhor Diretor:

Apresentamos a Vossa Senhoria a universitária **Ana Isabel Melo dos Santos**, regularmente matriculada/o na disciplina de *REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE- 6 A 10 anos* - EDU 02100 - do Curso de PEDAGOGIA, e ao mesmo tempo solicitamos permissão para que a mesma realize suas

atividades de OBSERVAÇÃO junto a esse estabelecimento de ensino visando coletar dados para a escrita do seu TCC.

Esclarecemos que tais atividades são de caráter obrigatório e objetivam oportunizar o contato da acadêmica com o cotidiano escolar, qualificando sua escrita e sua argumentação dentro do tema proposto “TEORIA X PRÁTICA: A FORMAÇÃO DOCENTE.

Agradecendo antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e a disposição em proporcionar que a aluna possua informações e subsídios para estudos da disciplina, despedimo-nos.

Atenciosamente,

Dra. Elizabeth D.Krahe

Professora Orientadora

Ao diretor da Escola:

2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO FORNECIDO A PROFESSORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar Do TCC “ A Formação do Pedagogo e suas práticas na sala de aula : Teoria x Prática, sob a responsabilidade da aluna _____ a qual pretende _____

Sua participação é voluntária e se dará por meio de observação e entrevista semi –estruturada.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para _____

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço ____ pelo telefone (051) _____ ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa _____

Consentimento Pós–Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/ ____/ _____

Assinatura do participante

APÊNDICE

Entrevista semiestruturada com a professora A:

1) Qual a tua qualificação? Fiz a minha titulação em 2006- Graduação em Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Ritter dos Reis, UNIRITTER, Brasil. - Mestrado em letras no Centro Universitário Ritter dos Reis, cuja linha de pesquisa é Linguagem, Discurso e Sociedade, concluído em agosto de 2009, com a dissertação: LITERATURA E IMAGINÁRIO: UMA PONTE ENTRE A INFÂNCIA E A VELHICE. Formação complementar: Programa de formação continuada para a qualificação da convivência e da aprendizagem de crianças e jovens sem situação de vulnerabilidade social.

2) E a tua experiência profissional? Comecei minha trajetória como Coordenadora Pedagógica dos Projetos Sociais da Fundação Irmão José Otão. Educadora social na Escola Municipal Ildo Meneguetti e Escola Estadual E. F. Nações Unidas – como educadora do Programa Federal Mais educação. Educadora social na E.E.E.F. Rafael Pinto Bandeira e Escola E. E. F. Nações Unidas – como educadora do Programa Federal Mais educação atuação como Orientadora Educacional – E.E.E.M. Santos Dumont. Ensino fundamental e médio. Atualmente sou professora substituta Colégio de Aplicação da UFRGS – atuando com alfa 2.

3) Qual o motivo da escolha da profissão? Escolhi essa profissão porque ao fazer um balanço de minha vida na maturidade percebi que sempre fui educadora. Na área da educação, na área de segurança do trabalho. Agora me especializei para trabalhar com os pequeninos. E está muito bom.

4) Quais aspectos positivos e negativos considera no trabalho do educador? Aspecto positivo: quando ouvimos: “que legal a aula hoje”. Aspectos negativos: Quando não encontramos respostas para tudo do precisamos.

5) Como educadora, segues alguma linha teórica? As linhas teóricas e os autores que embasam o meu trabalho são os ensinamentos de Piaget, Vigosthy e Wallon.

6) Como caracteriza a tua turma de alunos? Uma turma com diferenças, o que estimula nossa busca em solucionar e auxiliar os alunos.

7) Tens autonomia no teu trabalho em sala de aula? Autonomia, sim com certeza.

8) Usa os recursos da escola? De que forma? Recursos como reprografia sim, nesse trimestre a biblioteca está de greve e é um local no qual trabalho bastante com as crianças. Compartilho a turma com professores das amoras, pixel, no papel de espectadores para ouvirem e verem relatos dos alunos “maiores”. PC para pesquisas e contatos.

9) O que fazes quando enfrenta dificuldade com algum aluno? A quem recorre? No primeiro momento da dificuldade procuro entender o que está ocorrendo, a seguir compartilho a situação com a área (outros colegas), depois busco apoio com NOPE.

10) O que é um bom aluno para ti? O aluno que me testa, responde quando solicitado e instiga os demais na busca de coisas novas.

11) O que é um bom professor para ti? Bom professor é o que ouve, e nunca desiste.

12) Como fazes a avaliação dos teus alunos? A avaliação é contínua, é o resultado da atuação do aluno no dia a dia.

13) Como se dá o teu planeamento? Planeamento é dinâmico, pois há um compartilhamento com as especializadas, fonoaudiologia.

14) Com relação aos alunos que apresentam maiores dificuldades como fazes? Ao aluno que se permite uma relação mais aproximada de professor – aprendiz um apoio mais dirigido. Com atividades extras.

15) Que estratégias utilizas para tender estes alunos com problemas de aprendizagem? Busco uma aproximação dos alunos junto ao professor (localização na sala de aula), diálogos com os alunos buscando respostas sobre seu comportamento, explicação do que PE estar em sala de aula, Buscar apoio via NOPE junto à família.

16) Tens contato com as famílias dos alunos? Os contatos acontecem via agenda, via email, e quando necessárias reuniões com a presença do NOPE.

17) Quais encaminhamentos costumam dar a estes casos, onde os alunos possuem muitas dificuldades e não conseguem solucionar em aula? Tento observar em que momento o aluno tem atitudes que o faz estar ausente da aula, e tento criar estratégias para evitar que isto ocorra. Tento criar estratégias específicas para esses alunos. Busco apoio junto à família. Procuro estudar e estudar na busca de respostas e auxílio para essas situações.

18) Teve uma formação específica para trabalhar com os alunos com necessidades especiais que estão inseridos na tua sala? Uma formação específica não, aprendizados com alunos com necessidades especiais nas práticas pedagógicas, em especial em uma ONG onde atuei por 6 anos. Ou seja: leituras, estudos e na prática.

19) Como te sentes ao trabalhar com estes alunos com necessidades educacionais especiais? Um desafio muito grand'

20) Como é este trabalho para atender estes alunos com necessidades educacionais especiais ? É um exercício desafiador com certeza, a cada momento não se sabe o que vai desencadear o que e em quem.

21) Como tu analisas o teu trabalho com estes alunos com necessidades especiais inseridos no teu contexto de sala de aula? A turma como a que estou trabalhando esse ano, precisaria de auxílio de monitores, famílias que nos ouvissem e buscassem diagnósticos, o que nos auxiliaria na busca de apoio teórico, estrutural, e maneira para que o manejo fosse mais positivo.

22) Ao teu ver quais são os problemas que dificultam o processo de aprendizagem? Alunos que não se sentem pertencentes ao grupo e para as atividades propostas.

23) Quais as alternativas que podem ser utilizadas pelo professor para melhorar a aprendizagem? Conhecer algum diagnóstico seria imprescindível, pois para casa há uma possibilidade. Ter uma turma reduzida, atividades múltiplas, e muitas questões estruturais e administrativas respondidas e resolvidas.